



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos falar sobre isso! Experimentações didáticas no Programa Residência Pedagógica**

# MENSTRUÇÃO E POBREZA MENSTRUAL, PRECISAMOS FALAR SOBRE ISSO! EXPERIMENTAÇÕES DIDÁTICAS NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

Thais Viana das Chagas Lima [\*]

Neyson Andriew T. do Nascimento [\*\*]

Sandra Nazaré Dias Bastos [\*\*\*]

[\*] Licenciada em Ciências Biológicas – UFPA – ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7123-0602> – E-mail: [thaisvianachagas@gmail.com](mailto:thaisvianachagas@gmail.com).

[\*\*] Licenciado em Ciências Biológicas – UFPA – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4648-2899> – E-mail: [andriewtorres@gmail.com](mailto:andriewtorres@gmail.com).

[\*\*\*] Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas – Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia – ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4924-2743> – E-mail: [sbastos@ufpa.br](mailto:sbastos@ufpa.br).

## RESUMO

Cientes da relevância do ensino contextualizado de Biologia, delineamos como objetivo principal deste trabalho analisar e discutir as situações de ensino vivenciadas ao longo da abordagem do sistema reprodutor feminino a partir de atividades que, para além da morfologia/fisiologia, problematizaram questões do cotidiano dos alunos, tais como mitos e tabus relacionados à menstruação, pobreza menstrual e a imposição de padrões corporais. As atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP) em uma escola pública com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental. Foi possível observar que os estudantes sustentam e manifestam algumas crenças e tabus a respeito da menstruação e nunca haviam ouvido falar da pobreza menstrual. Alguns concordam que a menstruação é algo vergonhoso e que deixa a mulher impura e foram unânimes em afirmar que a tensão pré-menstrual deixa as mulheres mais estressadas. Diante desses resultados evidencia-se a importância de se trabalhar esses temas nas escolas para problematizar as interdições impostas aos corpos que menstruam e ao mesmo tempo, diante da pobreza menstrual, fomentar a criação de políticas públicas e promoção de ações pontuais que possam reduzir os casos de evasão escolar durante o período menstrual.

**Palavras-chave:** Ensino de Ciências. Formação de Professores. Corpo Humano



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

## **DELINEANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA**

Muitas vezes a Ciência é percebida pelos sujeitos como algo distante, aparentemente sem qualquer influência direta sobre a realidade que vivenciam. No ensino de ciências, estas questões podem ser percebidas pelas dificuldades que o aluno tem em relacionar a teoria discutida em sala de aula com a realidade a sua volta, não identificando o conhecimento científico em situações do seu cotidiano. Aliado a estas questões tem-se o grande desafio de tornar o ensino de ciências mais instigante e interativo com atividades que façam sentido para os estudantes, pois, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

[...] não basta que os conhecimentos científicos sejam apresentados aos alunos. É preciso oferecer oportunidades para que eles, de fato, envolvam-se em processos de aprendizagem nos quais possam [...] exercitar e ampliar sua curiosidade, aperfeiçoar sua capacidade de observação, de raciocínio lógico e de criação, desenvolver posturas mais colaborativas (BRASIL, 2018, p. 333).

Para que isso aconteça, é desejável que o professor elabore maneiras diversas e atrativas para conseguir a atenção dos alunos e, dessa forma, interagir com eles de tal modo que seja possível contribuir para que os alunos não só ‘recebam’ passivamente o conhecimento, mas, que aprendam a refletir sobre ele e principalmente relacioná-lo com sua vida cotidiana. Para Castelo (1985), é papel das escolas ensinar os alunos a pensar de forma mais eficiente, pois devido o avanço da tecnologia, o “velho ensino” que se baseia apenas em “jogar” as informações para os alunos está se tornando cada vez menos eficiente.

Assim, aprender ciências deve ser associado ao desenvolvimento da capacidade de atuação no e sobre o mundo, assegurando aos alunos o acesso à diversidade de conhecimentos científicos, possibilitando o desenvolvimento de um novo/outro olhar sobre sua realidade. Para tanto, é imprescindível que eles sejam progressivamente estimulados e apoiados no planejamento e na realização cooperativa de atividades investigativas, utilizando situações de aprendizagem que partam de questões desafiadoras (BRASIL, 2018).

Laburu et al, (2003) postulam que os estudantes apresentam variações na forma de aprender e de se relacionar com o conhecimento e recomendam a utilização de metodologias variáveis, que atendam ao interesse da maioria dos alunos. Dessa forma, é necessário incentivar o estudante a abandonar o lugar de receptor passivo de conteúdos com provocações que o estimule a participar das aulas de forma ativa, com possibilidades de construir o conhecimento



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

junto com o professor e com a possibilidade de se apropriar do conhecimento histórico acumulado, fazendo associações com o seu cotidiano. Isso gera maior engajamento, motivação e responsabilidade frente aos problemas sociais, como defende Carbonell (2002, p. 16), a escola não pode se limitar a ensinar apenas a ler, escrever, contar e a fornecer uma breve pincelada de cultura geral. A nova cidadania, que é preciso formar, exige desde os primeiros anos de escolarização outro tipo de conhecimento e uma participação mais ativa.

Dentre os conteúdos trabalhados no ensino de biologia que são considerados difíceis de relacionar com o dia a dia dos alunos, podemos destacar a reprodução humana que é abordada a partir dos sistemas ditos reprodutores, geralmente enfocando apenas os aspectos da morfologia e fisiologia desconsiderando elementos importantes como a afetividade, por exemplo. Além disso, temas sociais, que são considerados “polêmicos” pela BNCC, tais como: aborto, métodos contraceptivos, infecções sexualmente transmissíveis, orientação e identidade sexual, entre tantos outros, quase nunca são discutidos em sala de aula. Nesse contexto, o estudo do corpo, via sistemas humanos, se dá de forma compartimentalizada, em uma perspectiva dissociada do meio social, restringindo-o à dimensão da descrição da localização e funcionamento de seus órgãos.

Não é segredo que esse tema desperta muita curiosidade e interesse na escola e, por isso, é preciso aproveitar essa mobilização para discutir o corpo de forma mais ampla, inserindo discussões socioculturais que tornam os alunos conscientes das hibridações que acontecem entre seu corpo e o meio social. Dias et al (2018) afirmam que os problemas ligados ao corpo, gênero e sexualidade, temáticas emergentes das relações sociais, estão no centro das investigações que buscam contribuir para o desenvolvimento do pensamento crítico-reflexivo no que se refere à educação não discriminadora, à diversidade e às diferenças.

Dessa forma, é importante que a escola esteja ciente desse potencial para assumir o compromisso de abordar esses temas de forma associada com a realidade, anseios e necessidades dos estudantes. Sem essa preocupação vemos se esvaziar a função social do ensino da Biologia que é a de contribuir para ampliar o entendimento que o indivíduo tem da sua própria organização biológica, do lugar que ocupa na natureza e na sociedade, e na possibilidade



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

de interferir na dinamicidade da vida por meio de uma ação mais coletiva, visando a melhoria da qualidade de vida (KRASILCHIK, 2004).

É importante destacar que não advogamos contra a necessidade de estudar a morfologia e a fisiologia humanas ou da importância de conhecer e aprender a cuidar do próprio corpo e as relações que são estabelecidas com o meio. No entanto, é preciso avançar para além da dimensão biológica que se baseia no enfoque de um organismo atemporal e universal, para abordar o corpo em sua dimensão histórica e cultural, que leva em consideração os acontecimentos que o afetam e o (re)configuram diariamente, e que o posicionam no mundo como ser humano dotado de gênero, etnia, sexualidade, comportamentos e existências particulares.

Essas discussões na escola são extremamente relevantes pois são capazes de fornecer informações e instrumentos que possibilitam aos alunos, não apenas reconhecer questões pertinentes ao seu próprio corpo, mas, acima de tudo, para saberem elaborar e assumir posicionamentos de proteção em casos em que são vítimas de abusos e violências. É no espaço escolar que gestos, movimentos e sentidos são produzidos por meninos e meninas, e tornam-se parte de seus corpos. É nesse momento que “todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores "bons" e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar, ou, na maior parte das vezes, não tocar (LOURO, 2003, p. 61).

Destacamos com isso, a importância de abordar temas sociais no ensino de biologia, como a menstruação e a pobreza menstrual, no caminho de desmistificar tabus que, em princípio, podem parecer banais, mas, que muitas vezes assentam e reafirmam comportamentos e lugares sociais que devem ser assumidos e ocupados por corpos femininos. A menstruação, abordada de forma mecanicista, acaba por reforçar o papel da mulher unicamente como reprodutora e esse aspecto fisiológico, em particular, como um período de grande incômodo associado a desconforto, limitações, falta de higiene ou até mesmo de impureza.

## **POR QUE PRECISAMOS FALAR SOBRE MENSTRUACÃO?**



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

Falar sobre menstruação, e consequentemente sobre saúde menstrual, implica em avançar no sentido de romper com práticas cotidianas que são discriminatórias e que relegam a um plano inferior, as pessoas que menstruam<sup>1</sup>. Como afirma Lerner (2019, p. 369), mesmo que as mulheres tenham conhecimento de suas vivências, suas experiências carregam o estigma da insignificância. Em decorrência, aprendemos a desconfiar e desvalorizar nossas próprias experiências. A autora afirma que o pensamento patriarcal relega as experiências definidas por gênero ao domínio do “natural”, com isso o conhecimento das mulheres torna-se mera “intuição” e a conversa entre elas, torna-se “fofoca”.

Dessa forma, falar sobre menstruação sempre foi um assunto delicado, seja na escola, dentro de casa ou até mesmo entre as pessoas que menstruam, qualquer que seja sua idade e condição social. Definida como temática tabu, agrupa silenciamentos em torno de si e por silenciamento, compreende-se a falta de um diálogo aberto sobre esse fenômeno uma vez que as pessoas que menstruam são ensinadas desde muito cedo a como se comportar e, principalmente como fazer o corpo silenciar. Dentre as regras que aprendemos está a de não falar sobre o período e não exibir absorventes, principalmente para o sexo masculino (RATTI et al., 2015).

Diante desse cenário é importante inserir essa discussão no currículo escolar, problematizando a forma como somos ensinados a ver e a viver o período menstrual e, ao mesmo tempo, discutindo como os estudantes se relacionam com o corpo feminino e suas transformações. Quando essas discussões ganham visibilidade no “chão da escola”, é possível discutir esse aspecto da fisiologia feminina de forma natural a fim de superar mitos, principalmente aqueles que apontam para uma suposta inferioridade feminina e que localizam a menstruação como algo anti-higiênico e como sinal de fraqueza ou incapacidade.

Em paralelo a essas questões dados do Banco Mundial (2018) estimam que pelo menos 500 milhões de mulheres e meninas em todo o mundo não tem acesso a instalações adequadas para a gestão da higiene menstrual. A falta de banheiros separados e que possam garantir privacidade e segurança, passando pela indisponibilidade de meios para descartar absorventes

<sup>1</sup> Optamos por utilizar a expressão ‘pessoas que menstruam’ para incluir homens transexuais e pessoas não binárias que, assim como as mulheres, podem viver esse fenômeno.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

usados e pela falta de água para lavar as mãos ou para realizar asseio íntimo, entre tantos outros, são obstáculos para que as pessoas que menstruam possam manter sua higiene menstrual de maneira privada, segura e digna. Tais problemas não raramente, podem levar ao absenteísmo escolar ou no trabalho.

Os desafios que as pessoas que menstruam enfrentam vão além da indisponibilidade de infraestrutura e da escassez de recursos financeiros. Somam-se a esses problemas o enraizamento de normas e crenças sociais que excluem essas pessoas da participação em atividades cotidianas como educação, emprego, práticas culturais e religiosas que fortalecem uma cultura geral de silêncio em torno do assunto o que resulta em informações limitadas sobre menstruação e higiene menstrual. O termo pobreza menstrual é utilizado para designar a falta de acesso a recursos, infraestrutura e conhecimento para que as pessoas que menstruam tenham plena capacidade de cuidar da sua menstruação (UNFPA, 2021, p. 5).

De acordo com o estudo “Pobreza Menstrual no Brasil: desigualdade e violações de direitos”, divulgado pelo Unicef e pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), diante da falta de acesso a produtos de higiene menstrual adequados, muitas pessoas que menstruam lançam mão de métodos improvisados para contenção do fluxo menstrual como a utilização de pedaços de papel e tecido, jornais, sacolas plásticas, meias, miolos de pão e até a reutilização de absorventes que deveriam ser descartáveis. Além dos meios improvisados muitas vezes não é possível realizar de três a seis trocas diárias de absorventes, seja porque o custo desses produtos exerce um peso importante no orçamento das famílias mais pobres (principalmente daquelas que enfrentam em algum grau a insegurança alimentar), seja porque esse item é considerado supérfluo (UNFPA, 2021, p. 11).

O manejo insuficiente ou inadequado da menstruação pode ocasionar desde problemas fisiológicos como alergias e irritações na mucosa vaginal até o baixo rendimento no trabalho ou na escola. Além disso,

[...] do ponto de vista de saúde emocional, a pobreza menstrual pode causar desconfortos, insegurança e estresse, contribuindo assim para aumentar a discriminação que meninas e mulheres sofrem. Põe em xeque o bem-estar, desenvolvimento e oportunidades para as meninas, já que elas temem vazamentos, dormem mal, perdem atividades de lazer, deixam de realizar atividades físicas; sofrem ainda com a diminuição da concentração e da produtividade (UNFPA, 2021, p. 11).



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

Cientes da relevância do ensino contextualizado de Biologia, que leva em consideração os problemas sociais vivenciados pela comunidade escolar, delineamos como objetivo principal deste trabalho analisar e discutir as situações de ensino vivenciadas ao longo da abordagem do sistema reprodutor feminino a partir de atividades que, para além da morfologia/fisiologia, problematizaram questões do cotidiano dos alunos, tais como mitos e tabus relacionados à menstruação, pobreza menstrual e a imposição de padrões corporais.

As atividades foram desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica (PRP) que faz parte da Política Nacional de Formação de Professores que tem como objetivo principal induzir o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura, promovendo a imersão do licenciando na escola de educação básica, a partir da segunda metade de seu curso. A execução das atividades aqui descritas ocorreu integralmente de forma remota devido à pandemia de Covid-19, que no ano de 2020 provocou a suspensão das aulas nos espaços escolares físicos, transferindo as interações pedagógicas para os ambientes virtuais por meio de aulas remotas. Dessa forma, o ensino remoto (emergencial) tornou-se uma forma de dar continuidade aos estudos de milhares de estudantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Para atingir os objetivos realizamos uma sequência de atividades, cujo tema foi Sistema Genital Feminino, que foi trabalhada dentro da unidade ‘Corpo Humano’, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Argentina Pereira (Bragança, Pará), para alunos de 9º ano do Ensino Fundamental. As atividades planejadas visaram proporcionar aos alunos uma experiência diferenciada no que tange o conhecimento do corpo humano, suas transformações e os processos que ocorrem ao longo da vida. Nesse caminho, incluímos em nosso planejamento atividades que proporcionassem uma participação mais ativa dos alunos durante as aulas, que foram ministradas de forma remota, por meio da plataforma digital *Google Meet* para os encontros síncronos e do aplicativo de *WhatsApp* para orientação dos exercícios e demais atividades.

A turma era composta por 30 alunos, com faixa etária entre 14 e 16 anos. A frequência nas aulas variou entre 7 e 13 alunos, pois nem todos os estudantes dispunham de equipamentos, ou mesmo do sinal da internet todos os dias, para acompanhamento das aulas *on line*. Para



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

análise e avaliação das atividades desenvolvidas, bem como para o registro dos acontecimentos em sala, utilizamos um caderno de campo. O conteúdo sobre Sistema Reprodutor foi abordado em três aulas de 90 minutos que ocorreram entre abril e maio de 2021. Analisaremos as atividades desenvolvidas na primeira aula onde discutimos o sistema genital feminino e o ciclo menstrual obedecendo a sequência de atividades apresentada a seguir:

**Quadro 1:** Sequência de atividades para discutir sistema genital feminino e menstruação

<b>Atividade 1 – Que corpo é esse?</b>	
<b>Objetivos</b> Apresentar e discutir a morfologia externa e interna dos genitais femininos, enfatizando as diferenças morfológicas da vulva.	<b>Metodologia</b> Apresentação de imagens mostrando a morfologia dos órgãos internos e externos da genitália feminina; Discutir os diferentes tipos de vulva.
<b>Atividade 2 – O que é menstruação?</b>	
<b>Objetivos</b> Apresentar e discutir as fases do ciclo menstrual e as transformações corporais que ocorrem na puberdade; Discutir a pobreza menstrual.	<b>Metodologia</b> Apresentação de um infográfico sobre pobreza menstrual; Discussão de cenas da série “Anne with an E” e do documentário “Absorvendo tabu”.
<b>Atividade 3 – Mitos e verdades sobre a menstruação</b>	
<b>Objetivos</b> Debater e desconstruir mitos sobre o corpo e a menstruação.	<b>Metodologia</b> Apresentação e discussão de afirmações de uso popular sobre a menstruação e o corpo feminino.

Fonte: elaborada pelos autores.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira etapa apresentamos o sistema genital feminino, dando ênfase à anatomia interna e externa dos órgãos. Nesse momento, destacamos que existem diferentes tipos de vulvas: brancas, pretas, com e sem pelos reforçando que não há um padrão corporal específico no qual todas as meninas estão (ou podem) ser inseridas. Esta intervenção inicial foi feita por meio de uma imagem provocativa que apresentava diferentes tipos de vulva para promover a discussão sobre a diversidade dos corpos femininos e problematizando as tentativas de padronização e uniformização (Figura 1).

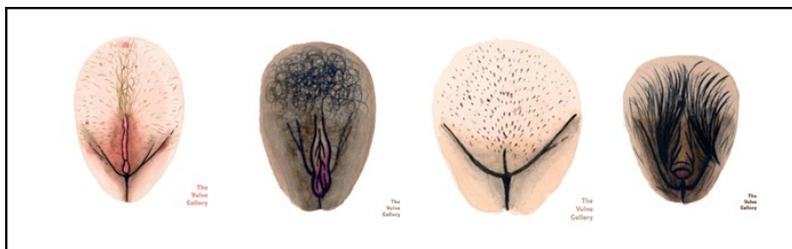


DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

**Figura 1** – Imagem utilizada para discutir a diversidade da genitália externa feminina



Fonte: <https://www.thevulvagallery.com/>

Diante de nossas provocações os estudantes se mantiveram quietos e em silêncio, não expressando qualquer reação diante de nossas perguntas a respeito do que pensavam sobre essa discussão. Interpretamos esse silêncio como uma reação de desconforto devido, talvez, pensarem não ser “normal” tratar desse assunto em sala de aula. Isso se torna preocupante uma vez que o desconforto pode estar associado ao desconhecimento sobre a morfologia corporal ou ainda sinalizar representações pejorativas sobre essa parte do corpo. É o que sinaliza a pesquisa desenvolvida por Soares e Gastal (2018) que mostra que estudantes se referem de forma negativa a genitália feminina e, mesmo sendo mães ou tendo uma vida sexual ativa, desconhecem aspectos anatômicos relacionados à sua vulva. As autoras concluem que essas representações são opressoras e estão enraizadas sobre o que se pensa sobre os genitais femininos e, diante disso, é fundamental investir em trabalhos que problematizem as interdições sociais que contribuem para a construção dessas imagens, buscando desconstruí-las

Santana e Waldhelm (2009) discorrem sobre as dificuldades de falar sobre essas questões a partir do material didático que chega à escola. Como autoras de uma coleção didática para o ensino de ciências elas contam que resolveram abordar as características anatômicas dos corpos femininos e masculinos com ilustrações que não se limitavam aos tradicionais cortes longitudinais/transversais e anatomia interna dos órgãos. Ao apresentarem os corpos inteiros, com as estruturas externas visíveis a fim de que os estudantes pudessem reconhecer seu próprio corpo nas figuras, elas contam que a imagem da vulva causou mais espanto do que as imagens que retratavam pênis. Nesse caminho elas concluem que parece haver maior naturalidade no trato com a anatomia masculina, não sendo “à toa que a maioria das mulheres (e homens) refere-



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

se à vulva como vagina”. Possivelmente isso acontece porque nas escolas, a partir dos livros didáticos, eles só estudaram com mais detalhamento a anatomia interna do corpo feminino.

Levantar essas questões em sala de aula, nos ajuda a problematizar a ideia corrente de que os corpos são iguais e devem obedecer ou se adequar a um tipo padrão. Cardoso e Vellozo (2009) discorrem sobre como padrões de beleza impostos pela sociedade influenciam na imagem corporal de adolescentes e jovens, fazendo com que a necessidade de aceitação os direcione para realização de práticas que se configuram como risco à saúde. Para Gomes (2015), na adolescência, ocorre uma intensificação na preocupação com a imagem corporal, uma vez que a sociedade impõe, de forma direta e indireta, padrões de beleza tidos como requisitos favoráveis à aceitação na sociedade.

Vários fatores podem influenciar o processo de formação da imagem corporal, tais como gênero, idade, satisfação corporal, além da relação com o corpo com os processos cognitivos, afetivos, sociais. Nesse contexto a mídia, em geral, desempenha um papel importante na vida dos adolescentes e dissemina a ideia da existência de uma perfeição corporal, na qual a magreza simboliza felicidade, satisfação, beleza e atração sexual, enquanto a obesidade representa preguiça e falta de vontade (SAIKALI et al, 2004).

A adolescência é um período do desenvolvimento humano normalmente marcado por transformações biológicas e psíquicas que geram inquietudes e sofrimento e dentre os muitos elementos associados a este período, está a emergência da sexualidade e a dificuldade em estabelecer a própria identidade (BRAGA et al, 2010).

Sendo assim, concordamos que esse é o momento oportuno para discutir essas questões em sala de aula, mesmo que o silêncio tenha sido a resposta que os alunos nos deram frente às provocações, pois temos certeza de que eles não ficaram imunes ao que discutimos. É importante que a escola aborde esse tema, pois o ambiente escolar é considerado um meio adequado para avaliar a percepção de autoimagem corporal e possíveis fatores de insatisfação por se tratar de um local de interação entre os adolescentes (GOMES, 2015).

Além das mudanças que iniciam na puberdade e da diversidade corporal feminina, adentramos na discussão sobre a menstruação com a inserção da seguinte pergunta: “você acham a menstruação algo vergonhoso?” Nossa intenção foi verificar o que eles sabiam sobre



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

esse tema, por meio da percepção que tinham sobre esse fenômeno, além de incentivar a participação deles na aula e utilizar as respostas como material para a discussão. Nessa aula estiveram presentes 7 (sete) estudantes que foram bem participativos e as respostas obtidas, em sua maioria no formato: “sim, professora” e “não, professora”, foram registradas pela participação direta no microfone ou pelo *chat* da sala de aula virtual. Todas as cinco meninas presentes discordaram de que a menstruação era algo que pudesse causar vergonha, no entanto, todos os meninos sustentaram essa afirmação.

Mesmo que as meninas tenham afirmado que a menstruação era um processo natural, e que por esse motivo não era necessário ter vergonha de passar por isso, verificamos que esse processo sempre está envolto em silenciamentos, o que é corroborado pelas respostas dadas pelos meninos. Como explica Luísa Cardoso (2019) as meninas são ensinadas desde muito cedo a terem vergonha desse fenômeno, e a escondê-lo, por meio de técnicas sutis (que são aprendidas e disseminadas ao longo das gerações) e que vão desde um sussurro para pedir um absorvente a uma amiga até o hábito de guardá-los por baixo de roupas, em uma gaveta ou em uma bolsinha para nunca os deixar à mostra. Em contrapartida,

**os reais ensinamentos sobre a menstruação deixam a desejar. Meninas não são ensinadas de forma apropriada sobre seus sistemas reprodutivos.** Quais sintomas a menstruação pode causar? Qual o impacto no nosso corpo? Por que sentimos dores? O que é a tensão pré-menstrual? Esses assuntos são inibidores e tratados de forma constrangida por todos à nossa volta [...]. E o que as meninas aprendem? Elas aprendem que é vergonhoso falar sobre menstruação. **Aprendem a ter vergonha dos seus corpos. [...].** Acredite ou não, **o tabu da menstruação pode ser muito conveniente para grandes corporações de produtos menstruais.** E é por isso que todo o marketing utilizado ajuda a manter este tabu vivo. Desde comerciais de absorventes que prometem manter o seu segredo sujo seguro atrás de uma saia branca até sabonetes perfumados que prometem deixar sua vagina limpa e cheirosa. Vaginas não são sujas! **O marketing da vergonha existe em uma tentativa de gerar insegurança para perpetuar a demanda por produtos desnecessários e mercantilizar a menstruação** (CARDOSO, 2019, grifos da autora).

Depois desse momento de interação, apresentamos um infográfico com dados sobre a “pobreza menstrual” (Figura 2) explicando a condição de algumas mulheres que vivem em situações precárias e não possuem condições mínimas de higiene durante o período menstrual, situação que afeta muitas meninas no Brasil e que se constitui como um dos fatores para evasão escolar, já que muitas escolas brasileiras dispõem de banheiros em condições precárias.

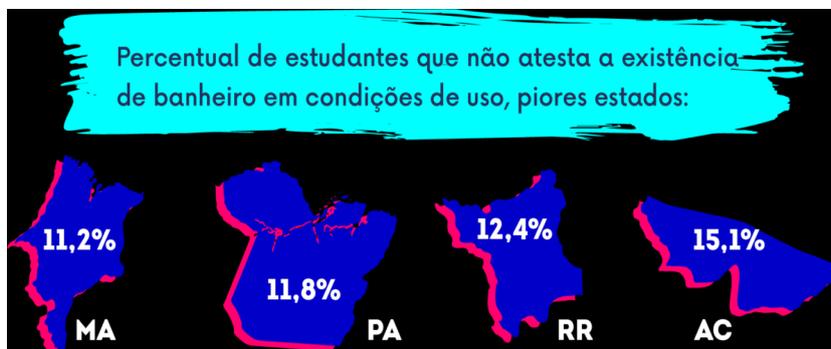


DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

**Figura 2-** Dados da pobreza menstrual no Brasil por região.



Fonte: <https://livreparamenstruar.org>

Nenhum estudante havia ouvido falar sobre o tema pobreza menstrual e se mostraram surpresos com os dados apresentados. O debate sobre essas questões novamente retomou a discussão sobre como a menstruação ainda é tratada como um tabu e a necessidade de reverter esse quadro. Para auxiliar na compreensão desse tema tomamos como base dois materiais que estão fora do currículo da escola, mas que podem ser empregados como elementos que facilitam o aprendizado tornando-o mais dinâmico e interessante. Com o tempo da aula restrito, e por esse motivo ser impossível incluir a exibição desse material, recomendamos aos alunos que assistissem, depois da aula, o episódio “um laço de amizade” da série “Anne with an E”<sup>2</sup>.

Diante da ocorrência de sua primeira menstruação, o episódio narra como a personagem principal, Anne, vive as limitações, confusões e mal entendidos, do que ela classifica como “o pior dia de todos”. As alterações de humor e a necessidade de usar “paninhos” para conter o fluxo são vistos por Anne e suas amigas como incômodos aos quais as mulheres devem, não apenas aceitar com resignação, mas, acima de tudo, esconder de todos (principalmente dos meninos). A partir dessa produção, que retrata os modos de vida e de comportamento de uma pequena comunidade canadense no século XIX, é possível discutir como essas questões são passadas de uma geração a outra e como até hoje essa forma de pensar e viver o período menstrual ainda é muito presente.

<sup>2</sup> Na premiada série, disponível na plataforma Netflix, a protagonista é uma adolescente de 13 anos, Anne Shirley, que foi adotada pelos irmãos, já idosos, Marilla e Mathew Cuthbert para viver com eles na província de Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. A obra é baseada nos livros “Anne of Green Gables”, publicados a partir de 1908, pela autora canadense Lucy Maud Montgomery. Informações disponíveis em: <https://falauniversidades.com.br/critica-resenha-resumo-anne-with-an-e/> [acesso em junho de 2022].



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

Indicamos também o documentário “Absorvendo o Tabu<sup>2</sup>” que mostra como mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica, conseguem sua independência financeira quando passam a produzir absorventes de baixo custo no pequeno vilarejo de Hapur na Índia. Apesar da máquina representar um grande avanço na condição de vida daquele grupo de mulheres, o documentário mostra ainda a violência de gênero presentes nos discursos cotidianos daquela comunidade que é classificada por Brito (2022) como “patriarcal, machista, retrógrada e imersa em tabus”. No documentário, os homens se referem à menstruação como “*um tipo de doença que afeta principalmente as mulheres*” ou como “*um problema feminino*”. Tais falas, entre tantos outros momentos, foram trazidos para discutir que esse evento natural não é uma doença e muito menos pode ser classificado como um ‘problema’. Nesse momento foi possível discutir também como esses pensamentos se materializaram em nosso cotidiano por meio das respostas dadas pelos meninos na atividade anterior, quando eles concordaram com a afirmação de que a menstruação é algo que causa vergonha.

Ainda nessa aula, foi proposta a dinâmica “mito ou verdade”, com a apresentação de cinco afirmativas baseadas no conhecimento popular e científico, com o intuito de desconstruir e discutir mitos sobre o corpo feminino. Os alunos foram chamados a responder se concordavam ou não com os enunciados (Quadro 2).

**Quadro 2-** Enunciados e respostas da atividade mitos e verdades

Enunciados	Situação	Concordância	Discordância
“Andar descalça e lavar cabelo pode causar cólicas por causa do frio”	Mito	4 alunos	3 alunos
“As mulheres ficam impuras durante a menstruação”	Mito	2 alunos	5 alunos
“A expressão está de “chico” é ofensiva”	Verdade	0	7 alunos
“Ter pelos pubianos é falta de higiene”	Mito	5 alunos	2 alunos
“A TPM deixa as mulheres mais estressadas”	Mito	7 alunos	0

**Fonte:** elaborado pelos autores

Nesse momento os alunos foram mais interativos e fizeram alguns breves relatos, como por exemplo, “*minha vó acredita que faz mal andar descalça, quando estamos menstruadas*” ou “*não se deve tomar banho de rio nesse período*” e foi possível observar que os alunos concordavam (ou conheciam alguém que concordava) com vários mitos sobre a menstruação



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

que circulam como verdades em nossa sociedade. Tais mitos se manifestam em diversas formas, mas, em geral, atuam como interdições e proibições às mulheres, que vão desde não poder lavar a cabeça, tomar banho, andar descalça, até não tocar nas plantas e flores ou preparar certos alimentos (NATANSOHN, 2005).

Mesmo após as discussões anteriores uma parcela dos alunos ainda concordava com a afirmação de que lavar o cabelo pode aumentar as cólicas menstruais ou que as mulheres ficam impuras durante a menstruação. Essa visão negativa, como afirma Furlani (2009), muitas vezes é reiterada ao longo de gerações em diferentes culturas que normalizam a associação entre menstruação à impureza ou sujeira.

O entendimento da menstruação como algo negativo também se manifesta quando os estudantes concordam que não há nada de ofensivo na expressão “estar de chico” que normalmente é utilizada para se referir a uma mulher quando ela está menstruada. A expressão “chico” no português falado em Portugal, é sinônimo de “porco”, daí o advento da palavra “chiqueiro”<sup>3</sup>. Dessa forma, usar o termo “estar de chico” para se referir ao período menstrual é o mesmo que associar a menstruação a algo sujo. Da mesma forma o termo “estar de bode”, muito comum na região Norte do Brasil, tem o mesmo significado, uma vez que esse animal também é associado à falta de banho e a odores ruins.

Essas expressões que são repetidas à exaustão e são muito comuns geram um teor profano e impuro a uma reação tão vital do corpo (MUNDIM et al, 2021). Historicamente muitas culturas, como por exemplo, a judaico-cristã, condenavam o sangue menstrual classificando-o como algo sujo e não aceitável (VARGENS et al, 2019). Na Idade Média, defendia-se que o fluxo menstrual seria constituído de fluidos prejudiciais, expelidos após a fermentação do sangue, em consequência, a menstruação seria um fluido sujo, resultado do processo de purificação corporal. Essa teoria que vigorou durante toda a Idade Média, contribuiu de maneira significativa para o entendimento de que o fenômeno menstrual era perigoso (FERREIRA, 2017).

<sup>3</sup> Informações disponíveis em: <https://www.hypeness.com.br/2020/06/a-origem-nada-legal-da-expressao-estar-de-chico-para-menstruar/> [acesso em junho de 2022].



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

Fáveri e Venson (2007) afirmam que o uso dessas metáforas (chico, regras, boi, aqueles dias, entre tantas outras) silenciam e minimizam as falas sobre a menstruação. Essa maneira segredada e codificada de falar da fisiologia feminina não advém necessariamente de desconhecimento sobre o funcionamento do próprio corpo, mas, se constitui como uma prática cultural que está inclusa numa lógica específica de pensar as mulheres. São estratégias de esconderijo, que envolvem uma teia de significados em uma linguagem que muitas vezes é entendida somente por elas, com códigos apreendidos e reproduzidos e sempre falados em voz baixa. No entanto, esse silenciamento implica na manutenção e na sustentação de tabus, uma vez que

não falar sobre a menstruação já é um jeito de falar sobre ela. A omissão demonstra preconceitos perpetuados no dia a dia. Não nomear a menstruação usando no lugar eufemismos como “estar naqueles dias”, “estar de chico”, “regras”, significa tornar invisível um fenômeno fisiológico e recorrente, além de alimentar mitos e tabus extremamente danosos às mulheres, meninas e pessoas que menstruam de maneira geral (UNFPA, 2021, p. 2021).

O silenciamento sobre esse tema, faz referência à idealização de um “corpo perfeito” que não sangra, não sente, não tem processos naturais. Por isso é desejável que se esconda tudo o que é tido como “imperfeito” e que causa desconforto (RATTI et al, 2015). É interessante perceber que mesmo nas propagandas de absorventes higiênicos a ideia da menstruação como algo que causa incômodo, desconforto é reforçada.

O tabu da menstruação está presente no fato da mulher não poder mostrar que está menstruada. Se ocorrer algum vazamento, as pessoas ao seu redor saberão o que está acontecendo e ela então será considerada suja. Tudo que está vinculado à vagina e, portanto, ao natural feminino, é silenciado e deve ser higienizado. Pressupõe-se que a mulher não pode ter contato com o seu próprio sangue para se manter pura e limpa, pois um dos benefícios do produto anunciado é a estrutura moderna do absorvente que “prende o fluxo longe da pele” (RATTI et al, 2015).

A linguagem utilizada nas propagandas reforça o silenciamento da menstruação, uma vez que em nenhum momento se fala em “sangue” ou mesmo “menstruação”. Fala-se em “fluxo” simplesmente, que ainda por cima é representado por um líquido na cor azul.

Quanto à presença dos pelos pubianos, verificamos que cinco alunos concordaram com a afirmação de que “ter pelos pubianos é falta de higiene”, sobre essa questão Sangiorgi (2017) afirma que a retirada total ou parcial dos pelos pubianos é uma prática empregada em larga escala principalmente entre as mulheres e que pode ter repercussão clínica para a saúde genital



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

e sexual. Como tendência estética esse comportamento está associado à crença de que a retirada dos pelos melhora a higiene genital. Em seu estudo a autora mostra ainda que, tanto as mulheres quanto os homens brasileiros, principalmente os mais jovens, preferem a genitália feminina completamente depilada, indicando possivelmente que esse hábito é realizado para agradar ao sexo masculino preferencialmente.

Na afirmação “a TPM deixa as mulheres mais estressadas” todos os alunos presentes na aula concordaram com a afirmação, ou seja, todos acreditam que todas as mulheres ficam mais estressadas no período que antecede a chegada da menstruação. Fernandes (2009) afirma que o corpo da mulher, sempre foi visto como lócus de muitas enfermidades relativas à sua natureza e, nesse sentido, ela também tinha o potencial de propagar doenças para os outros dependendo da condição na qual se encontrava.

A Tensão Pré Menstrual (TPM) difere de uma mulher para outra e seus sintomas, causas e características variam bastante. O estudo desenvolvido por Hoga et al (2010) mostram que as mulheres tem dificuldades para identificar essa síndrome e conseqüentemente de adotar práticas de auto cuidado. Esse estudo aponta ainda a falta de conhecimento e sensibilidade dos homens que, na percepção de suas mulheres, “são machistas em relação à TPM”, pois são poucos “os que compreendem” esse período. Nas palavras das mulheres esse período é subestimado e banalizado por seus companheiros, pois qualquer nervosismo ou irritação “é consequência da TPM” e assim, seguem usando a TPM para culpar a mulher por toda e qualquer briga. A falta de sensibilidade dos homens faz com que as mulheres se sintam incompreendidas e contrariadas, o que, por sua vez, favorece o surgimento de atritos e interferências negativas sobre o relacionamento entre o casal.

Willig e Schmidt (2021) identificaram que as expressões “irritada”, “irritadiça”, “irritado”, “Tá na TPM”, “falta de sexo”, “louca”, “louco”, “enlouquecido”, “enlouquecer”, “histérica”, “bode”, “de lua”, “selvagem”, “estressada”, “bipolar”, entre outras, surgiram nas falas de professores e professoras em uma atividade de sensibilização sobre a menstruação, revelando o preconceito com as oscilações de humor características do ciclo menstrual. Longe de serem termos inocentes, as autoras defendem que esses adjetivos, constantemente associados à instabilidade emocional, são geralmente empregados às mulheres para desqualificar seus



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

discursos e ações nos diferentes espaços pelos quais transitam, tais como a academia, trabalho e até mesmo na cena familiar. Sendo assim, os corpos menstruados são a representação literal da falta de controle do ser humano sobre a sua própria natureza.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O período de ensino remoto emergencial exigiu que o professor empregasse metodologias mais ativas e motivadoras em sala de aula, buscando não apenas inovar o ensino, mas, acima de tudo, estimular a frequência e a participação dos alunos nas atividades propostas, mesmo diante das desigualdades sociais que impediam que estudantes participassem das aulas remotas por falta de recursos tecnológicos. Um desafio considerável uma vez que nas escolas, principalmente as públicas, a presença de tecnologias ainda era, naquele momento, uma realidade pouco presente. Evidencia-se aqui a educação, como processo histórico, que sofre alterações de acordo com o contexto socioeconômico e as condições objetivas em que se realiza, sendo necessário realizar adequações de acordo com as demandas locais. Desse modo, é necessário que o professor adeque suas metodologias, pois como anunciam Moran e Bacich (2018), a educação não pode permanecer a mesma, e o ensino de ciências exige uma abordagem pedagógica inovadora, capaz de atender a complexidade do processo de ensino e aprendizagem que vai além da memorização excessiva do conteúdo.

Nesse contexto, é preciso investir em metodologias que possibilitem ao estudante maior protagonismo no processo de construção do seu conhecimento e que possibilitem uma postura ativa diante do seu aprendizado, uma vez que ao ser desafiado por meio de problemas reais ele aprende a pensar e a pesquisar soluções, de acordo com sua realidade e com o seu contexto (NASCIMENTO; COUTINHO, 2016). É desejável, portanto, que o ensino de ciências não se limite apenas à descrição de conteúdos teóricos, mas, que inclua a reflexão sobre problemas sociais atuais que exigem de nós posicionamentos coerentes e tomadas de decisão, contribuindo assim para despertar o senso crítico e a formação para a cidadania.

Quando as pessoas faltam na escola durante a menstruação, o processo de aprendizagem e a qualificação profissional ficam comprometidos, pois muitas vezes o resultado que



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

observamos é a evasão desses espaços. Se essas questões que atravessam a escola não fizerem parte do currículo como é possível promover ações que possam minimizar esse quadro?

Assim, o ensino de biologia se mostra relevante para promover essas discussões na escola e com isso problematizar assentamentos que se naturalizam ao longo de gerações. Borrar os limites e transgredir essas fronteiras nos movem em direção a um tipo de ensino mais atento às necessidades e anseios da sociedade. Sendo a vida, e conseqüentemente o corpo, objeto de estudo dessa ciência, cabe ao professor provocar movências que coloquem sob questão o que se pensa e o que se diz sobre reprodução humana, orientação sexual, puberdade, menstruação e padrões corporais. Para além de temas, problemáticos ou controversos, que compõem nossos currículos eles são possibilidades de distinção, localização, hierarquização e até mesmo de clausura e sufocamento de corpos, gêneros, sexos e sexualidades tidas como divergentes. Como afirma Maciel (2013) é urgente a necessidade de se promover uma educação do olhar, na perspectiva da formação para a cidadania e, mesmo que muitos agentes devam compor esse movimento, a liderança cabe, e deve ser reivindicada, pela escola.

Ao discutirmos essas questões no contexto do Programa Residência Pedagógica reafirmamos seu principal objetivo que é o de promover o aperfeiçoamento da formação prática nos cursos de licenciatura pela imersão do licenciando na escola de educação básica. As experiências e experimentações docentes vivenciadas possibilitaram aos residentes conhecer a escola com mais precisão e desenvolver habilidades de um professor crítico, reflexivo e atuante. Quando a aprendizagem da profissão se dá no seu exercício, vivenciando o conhecimento prático dos professores das escolas e a supervisão da universidade, a articulação entre saberes interdisciplinares acontece espontaneamente e de forma natural (NÓVOA, 2009).

É preciso considerar ainda que a pandemia de Covid-19, nos impôs uma nova/outra realidade de trabalho que exigiu de nós, professores, outras formas de viver e estabelecer relações na escola e na sala de aula. Obrigatoriamente apartados do convívio social mais amplo, tivemos que reinventar nossas práticas pedagógicas, e conseqüentemente, nossas formas de ensinar. Isso nos obrigou também a discutir as outras formas de aprender. As perguntas que nortearam nosso trabalho foram: Que escola é essa que tem se desenhado em tempos de



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

pandemia? Como é possível aprender nesse cenário de medo e tensão no qual estamos imersos? Tais questionamentos mostram o quanto foi (e ainda está sendo) difícil viver esse momento.

As desigualdades sociais camufladas pelo ensino presencial foram postas na nossa frente nos obrigando a desenvolver estratégias para tentar minimizá-las. Na escola em que trabalhamos nem todos os alunos tinham acesso à internet ou equipamentos de qualidade, nem todos contavam com um ambiente tranquilo para estudar e para realizar suas tarefas. Nem todos tiveram acesso à alimentação e a serviços de saúde. A perda da interação presencial e direta entre alunos e professores resignificou nossa consciência social e essa ‘nova realidade’ nos apresentou os enormes desafios que é se tornar professor em um país extremamente desigual. Fazer parte desse movimento foi uma experiência ímpar no nosso processo de formação docente.

## REFERÊNCIAS

BANCO MUNDIAL. “Menstrual Hygiene Management Enables Women and Girls to Reach their Full Potential”, site do Banco Mundial, 2018. Disponível em: <https://www.worldbank.org/en/news/feature/2018/05/25/menstrual-hygiene-management> [acesso em 27/10/2022].

BRAGA, P. et al. **Representações do corpo: com a palavra um grupo de adolescentes populares**. Ciência & Saúde Coletiva, v.15, n.1, p. 87-95, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRITO, L. E. B. Artigo de luxo ou necessidade básica: uma análise sobre a violência simbólica de gênero no documentário Absorvendo o Tabu. In: OLIVEIRA, G. F. et al. (Orgs.). **Mídia, discurso e sociedade: problematizações contemporâneas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022. E-book disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/site/wp-content/uploads/2022/01/Midia-Discurso-e-Sociedade.pdf> [acesso em junho 2022].

CALDERANO, M. **O estágio curricular e os cursos de formação de professores: desafios de uma proposta orgânica**. Juiz de fora: Editora UFJF, 2012. p. 237-260.

CARDOSO, L. **Por que temos vergonha da menstruação?** Menos um Lixo, 2019. Texto Disponível em <https://www.menosumlixo.com.br/posts/por-que-temos-vergonha-da-menstruacao>. [acesso em junho de 2022].

CARDOSO, E.; VELOZO, E. O corpo feminino na adolescência: os saberes de estudantes sobre anorexia e bulimia. **Cinergis**. Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, p. 62-68, jul-dez. 2009.

CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. São Paulo: Artes Médicas, 2002.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

- CASTELO, M. **A didática na reforma do ensino**. 2ª ed. Rio de Janeiro. Francisco Alves. 1985.
- DIAS, A. F.; OLIVEIRA, D. A.; SANTOS, M. S. Uma revisão sistematizada da produção do conhecimento sobre corpo, gênero e sexualidades na educação. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, Brasil, v. 27, n.2, p. 119-133, jul/dez 2018
- FÁVERI, M.; VENSON, A. **Entre vergonhas e silêncios, o corpo segredado**. Práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação. Porto Alegre, v. 14 n. 25, p.65-97, jul. 2007.
- FERNANDES, M. G. M. O corpo e a construção das desigualdades de gênero pela ciência. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 19 [4]: 1051-1065, 2009.
- FERREIRA, A. F. Sangue menstrual e magia amatória: concepções e práticas históricas. **Aedos**, Porto Alegre, v. 9, n. 21, p. 514-531. Dezembro, 2017.
- FURLANI, J. **Mitos e tabus da sexualidade humana**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica. 2009.
- GOMES, T. L. M. **Percepção da autoimagem em escolares do Ensino Médio na Rede Federal de Educação e Tecnologia, São Luis, MA**, 2015. 85 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública e Meio Ambiente) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro. 2015.
- HOGA, L. et al. Comportamento masculino diante da mulher com Síndrome Pré-Menstrual: narrativas de mulheres. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 23, n. 3, p. 372-378, 2010.
- KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**. 4º Ed, São Paulo, Edusp, p.197, 2004.
- LABURU, C. et al. Pluralismo metodológico no ensino de ciências. **Ciências e educação**, Bauru, v. 9, n. 2, 2003.
- LERNER, G. **A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens**; tradução Luiza Sellera. São Paulo: Cultrix, 2019.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MACIEL, A. M. A importância da imagem no cenário da contemporaneidade: uma necessidade da educação do olhar. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 22, n. 1, p. 95-109, jan.-jun. 2013.
- MORAN, J.; BACICH, L. **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- MUNDIM, M. et al. Transformações da percepção da menstruação entre gerações. **Tensões Mundiais**, Fortaleza, v. 17, n. 33, p. 229-247, 2021.
- NASCIMENTO, T.; COUTINHO, C. Metodologias ativas de aprendizagem e o ensino de ciências. **Multiciência Online**, v. 2, p. 134, 2017.
- NATANSOHN, G. O corpo feminino como objeto O corpo feminino como objeto médico e “mediático” médico e “mediático”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005.



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

NÓVOA, A. Professores: imagens do futuro presente. Lisboa: Educa, 2009.

RATTI, C. R. et al. **O Tabu da Menstruação Reforçado pelas Propagandas de Absorvente**. In: XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015, Rio de Janeiro. Anais do 38º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2015.

SAIKALI, J. et al. Imagem corporal nos transtornos Alimentares. **Rev. Psiq. Clin.** v.31, n. 4, p. 164-166, 2004.

SANGIORGI, M. **A preferência de homens e mulheres em relação à depilação genital feminina**: implicações clínicas da depilação da genitália. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, 2017.

SANTANA, M.; WALDHELM, M. Abordagem da sexualidade humana em livro didático de ciências: desvelando os bastidores de uma proposta. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.2 n.2 p 2-20 agosto 2009.

SOARES, M. N. T.; GASTAL, M. L. A. **A vulva e seus segredos: diálogos sobre a genitália feminina em aulas de ciências**. In: VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia e I Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 6 - Norte, 2018, Belém. Anais VII Encontro Nacional de Ensino de Biologia e I Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 6 - Norte, 2018.

UNFPA; UNICEF. **Pobreza menstrual no Brasil**: desigualdades e violações de direitos. 2021. (Relatório). Disponível em: <https://unicef.org/brazil/relatorios/pobrezamenstrual-no-brasil-desigualdade-e-violacoes-de-direitos>. [Acesso em junho de 2022].

VARGENS, O. M. C. et al. A percepção de mulheres sobre a menstruação: uma questão de solidariedade. **Rev enferm UERJ**, Rio de Janeiro. 27: e40120, 2019.

WILLIG, C. L.; SCHMIDT, S. P. **“Tá na TPM”**: Estigmas da menstruação na mídia e na escola. Anais da VIII Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia. VIII ReACT – 22 a 26 de novembro de 2021.

**MENSTRUATION AND MENSTRUAL POVERTY, WE NEED TO TALK ABOUT  
IT! TEACHING EXPERIMENTS IN THE PEDAGOGICAL RESIDENCE  
PROGRAM**

**ABSTRACT**

We appreciate the importance of the contextualized teaching of Biology, we have outlined as the main aim of this search the analysis and discussion of teaching issues experienced throughout the approach of the female reproductive system from activities that problematized topics of the everyday situations of students apart from morphology/physiology, for example, myths and taboos related to menstruation, menstrual poverty, and body standard imposition. The activities were developed within the context of the Pedagogical Residency Program (PRP) in a public school with students from the 9th grade of Elementary School. We have seen that



DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2023v32n1.64955

Thais Viana das Chagas Lima, Neyson Andriew  
Torres do Nascimento, Sandra Nazaré Dias Bastos

**Menstruação e pobreza menstrual, precisamos  
falar sobre isso! Experimentações didáticas no  
Programa Residência Pedagógica**

the students maintain and manifest some beliefs and taboos about menstruation and had never heard of menstrual poverty. Some of them agree that menstruation is shameful, it makes women unclean, and they were unanimous about saying that premenstrual tension makes women more stressed. In front of these results, it is evident the importance of working on these themes in school aiming to problematize the interdictions imposed on bodies that experience menstruation in daily life, as well as encourage the creation of public policies, when it comes to poverty menstruation, and the promotion of specific actions that could reduce cases of truancy during the menstrual period.

**Keywords:** Science Teaching. Teacher's Training. Human Body.

**MENSTRUACIÓN Y POBREZA MENSTRUAL, NECESITAMOS HABLAR SOBRE  
ESTO! INVESTIGACIONES DIDÁCTICAS EN EL PROGRAMA RESIDENCIA  
PEDAGÓGICA**

**RESUMEN**

Conscientes de la relevancia de la enseñanza contextualizada de Biología, trazamos como objetivo principal de este trabajo analizar y discutir las situaciones de enseñanza vivenciadas a lo largo de la llegada del sistema reproductor femenino a partir de actividades que, además de la morfología/fisiología, problematizan cuestiones de lo cotidiano de los alumnos, tales como mitos y tabús relacionados a la menstruación, pobreza menstrual y a la imposición de padrones corporales. Las actividades fueron desarrolladas en el ámbito del Programa Residencia Pedagógica (PRP) en una escuela pública con alumnos de 9º año de la Enseñanza Fundamental. Fue posible observar que los estudiantes sustentan y manifiestan algunas creencias y tabús a respecto de la menstruación y nunca habían oído hablar de la pobreza menstrual. Algunos están de acuerdo que la menstruación es algo vergonzante y que deja la mujer impura y fueron unánimes en afirmar que la tensión pré-menstrual deja las mujeres más estresadas. Delante de estos resultados se evidencia la importancia de trabajar esos temas en las escuelas para problematizar las interdicciones impuestas a los cuerpos que menstruan y al mismo tiempo, delante de la pobreza menstrual, fomentar la creación de políticas públicas y promoción de acciones puntuales que puedan reducir los casos de evasión escolar durante el período menstrual.

**Palabras clave:** Enseñanza de Ciencias. Formación de Profesores. Cuerpo Humano

---

Submetido em: 10 de novembro de 2022.

Aprovado em: novembro de 2022.

Publicado em: dezembro de 2022.